



Director literario:
António Gomes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Luís Collares
PAPUSSE



Eis aqui Dom Caracol,
A noivar com muita linha,
E seus páuzinhos ao sol,
«Mademoiselle» Joaíinha.



Ardendo em casto pudôr,
Vermelha, como uma brása,
Com mil protestos de Amor,
Ela o convida a pór casa.

Com sua morada às costas,
E onde éle apenas cabia,
Ao escutar tais propostas,
Caracol entristecia!



A certa altura, vexado,
Meteu-se dentro do casco,
Envergonhado—coitado!—
Por semelhante fiasco.



Ao vê-lo assim, numa bola,
Metido dentro de casa,
Joaíinha se desconsola
E vóa batendo a ása.



Bastante desconsolados,
Assim termina a tristinha
História dos namorados
D. Caracol e Joaíinha!

Ilustração

NO PAIS DOS COW-BOYS

POR

Guilherme Pavão Pereira da Rosa

(de 12 anos de idade)

DESENHO DE TIOTÔNIO

A vinte milhas* de Los Angeles (Estados Unidos) existia o alegre *ranch* do White horse** cujo proprietário era o bom Wellington, um gorducho para quem tudo o que Rogério dizia estava certo. Era Rogério o mais afamado cavaleiro do *ranch* e a inveja dos outros proprietários que queriam, a todo o custo, suprimi-lo, para assim poderem facilmente possuir o melhor galopador. Dentre os que mais ardentemente desejavam que Rogério fosse suprimido, Samuel Gordon destacava-se. Dono doutra propriedade, este emburrante velho, de maus instintos, possuía um cavalo que, se não fosse a égua de Rogério, era o melhor dos Estados Unidos. Além de bom galopador, Rogério era também um esplendido cowboy. Havia em Los Angeles uma rapariga chamada Ellen, extremamente formosa, por quem ele se havia apaixonado. Sabedor dessa paixão, Samuel Gordon resolveu raptá-la, para os seus fins criminosos. Se bem o pensou melhor o fez e, uma certa noite, com os seus cow-boys raptou-a, apesar da resistência por ela empregada.

Rogério de nada sabia, pois tinha ido levar uma carta a um amigo de Wellington que morava distante. No *ranch* de Samuel Gordon, era Ellen obrigada a escrever a Rogério uma carta convidando-o a uma entrevista no Green trees*** (pequeno bosque onde já, mais duma vez, se haviam falado). Deveria também levar a égua favorita que brevemente concorreria ao grande prémio pois ela tinha muita vontade de a ver. O plano do malvado Gordon era, enquanto eles estivessem em amorosa palestra, tratar de envenenar a pobre égua, ficando assim Rogério desmontado. Este de nada desconfiou e, no dia aprasado, pôs o fato domingueiro e

foi á entrevista montado na bela égua. Quando ao longe Rogério apareceu, Gordon disse a Ellen: — Se avisas Rogério do perigo que a égua corre, mato-te!»

Depois de fazer algumas festas na égua, Ellen pôs-se então, conforme os desejos do bandido, a entreter Rogério, desviando-lhe assim a atenção. Apesar de bem entretido, Rogério não deixou de vigiar a égua e quando o bandido a ia a envenenar, Rogério, com um tiro certo, atirou pelos ares a lata que continha o veneno. Sem que Gordon tivesse tempo de fugir, era por Rogério enlaçado e amarrado à cela da sua bela égua. Vol-



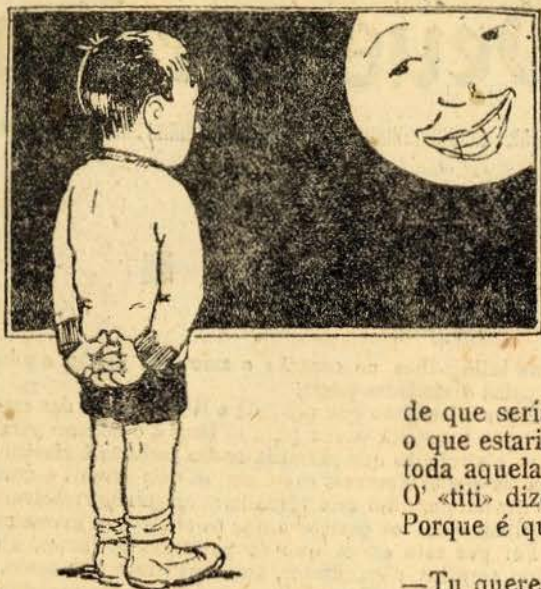
tou-se, então, para Ellen e disse com tristeza: — Eras, então, cúmplice?! . . . Paciência! E assim foi Rogério entregar ao «sheriff» o bandido que tentara matar a égua. Chegou o dia das corridas e Rogério nunca mais falara a Ellen.

Gordon havia obtido licença para sair da prisão, para assim o seu cavalo poder correr. Depois duma grande luta, Rogério chegou com um belo avanço sobre o cavalo de Gordon. Levado em triunfo, veio ter com ele Samuel Gordon que, arrependido, lhe contou tudo. Todos foram felizes e para terminar, como no cinema, Rogério deu um beijo na sua futura esposa.

* 36 Km. visto uma milha ter 1852 metros pouco mais ou menos.

** Cavalo branco.

*** Arvores verdes.



MOREQUINHO ARREPENDIDO

POR VIRGINIA MONTALVÃO E ALPOIM

:: :: DESENHO DE TIONIO :: ::

RICA «titi» Virgininha,
sabes dizer ao menino,
Moréquinho,
porque é que a Lua, no céu,
à noitinha,
foge, foge mais do que eu?

—Porque é que os olhinhos dela,
nunca, nunca estão fechados?!

—Olha, sabes titizinha,
eu às vezes, da janela,
ao ver brancos os telhados,
o quintal e o jardim,
pregunto cá para mim:
donde virá tanta alvura,
sendo a noite tão escura?...

—É ao ver que a lua vê tudo,
o Moreco... fica mudó...

É medo? — Não sei «titi»,
mas talvez; oh, talvez seja,
com medo de que Ela veja
as maldades do menino,
que mexe aqui
e ali,
que arrombou o tambôrzinho
e que vai à marmelada,
às ocultas da mamã,
quando Ela, pela manhã,
anda muito atarefada.

Ou então,
(não digas nada,
«titi» do meu coração)
é porque eu tenho receio
que ela diga ao papázinho
que mexi
no relógio da salêta
e ao dar-lhe corda a parti.
O Moréquinho
quiz ver

de que seria o recheio,
o que estaria a encher
toda aquela maquineta.
O' «titi» dize, porquê?
Porque é que ela tudo vê?

—Tu queres saber porque é?

—Olha a Mãezinha do Céu,
que tem o cabelo loiro...

—Então é igual ao teu
e ao meu?
E também o tem cortado?

—Moréquinho, meu tesoiro,
quero que estejas calado,

—O dela parece um manto,
pelas costas a ondular,
e os seus olhos côr do mar,
brilham tanto, tanto, tanto,
que dão a luz para a Lua
alumiar esta rua
e todas as mais que há
em longes terras e cá.

—Mas a Mãezinha que eu disse,
pós a Lua a tomar conta,
p'ra ver quais são os meninos
que tem a cabeça tonta,
que fazem muita tolice,
e que até
mentem e estragam os calções
engraçadinhos,
com rasgões.

—Virgininha, eu só rasguei
os do fato à marinheira
na cadeira.

—Com que então não há maneira
de ser menino educado?

Eu já disse que os sobrinhos
quando
as «titis» 'stão falando,
se conservam caladinhos.

—A Lua toma sentido
e diz à Virgem Maria,

—Á do cabelo doirado?

—Mal vem a nascer o dia,
—«Titi», Ela usa vestido?

—Tudo que viu
e ouviu.
E Nossa Senhora, então,
com sua divina mão
põe-se a escrever nuns livrinhos
o que a Lua vai contar,
e diz assim aos anjinhos,
que andam no Céu a brincar:
«Para o Natal,
nos sapatinhos
dos meninos
que só sabem fazer mal
e não são obedientes,
não se hão-de pôr presentes.»

E os anjinhos,
vestidos
de tule
azul,
ficam entristecidos,
por causa dos meninos
máuzinhos,

Por isso, meu Moréquinho,
não mintas e sê bomzinho.

—Ai, oh, minha «titizinha»,
—(me diz êle a soluçar),—
pede à Mãezinha divina
para que rasgue a folhinha
onde estão os meus pecados
malcriados.

Eu prometo não tornar.

—'stá bem, não chores; eu peço
à Virgem Nossa Senhora,
podes crer que não me esqueço,
e toma lá dois beijinhos
muito repenicadinhos.

Vá lá, basta de chorar...

—O Maréquinho agora
é menino exemplar...

F I M

Mentiras que Deus perdoa

POR

Fernando A. Simões

:: Desenhos de Tiotónio ::



ANDO Jesus Cristo morreu, alguns dos seus companheiros e discípulos, que juntamente com ele haviam partilhado todos os perigos e trabalhos a que os seus ideais os expunham, tomaram sobre os ombros a pesada tarefa de espalhar pelo mundo a religião do Mestre.

Foi assim que Pedro, um dos discípulos predilectos de Jesus, se encontrou em Roma, cidade pagã, onde, correndo todos os riscos se encontrava

de noite, em subterrâneos e catacumbas com algumas dezenas de homens e mulheres, na sua maioria escravos, que ali iam ouvir da sua boca as palavras de justiça e de verdade, que lhes enchiam de ventura os meigos e atribulados corações.

Entre os escravos que, sob a direcção de Pedro, se reuniam todas as noites numa das catacumbas de Roma, notavam-se pela sua assiduidade e pela alegria que os seus olhos, grandes e belos, exprimiam quando ouviam falar de liberdade e justiça, dois jovens, irmão e irmã, que aparentavam ter uns 12 anos.

Filhos dum grande senhor da Grécia, a quem os azares da guerra haviam vencido e prostrado num campo de batalha, Laonte e Claudia, assim se chamavam os dois jovens, haviam sido trazidos para Roma pelo vencedor de seu pai, e vendidos como escravos.

O seu comprador, um dos mais poderosos cortezãos de Nero, o feroz imperador romano, havia-os oferecido a um filho e uma filha que tinha, os quais eram da mesma idade que os dois pequenos escravos.

Estes, martirizados pelo tratamento desumano que os seus jovens senhores lhes davam, encontraram alívio para as suas tristezas no coração dum escravo liberto, Damáris, um dos mais preponderantes adeptos da religião cristã, então quasi em começo, o qual resolveu levar os seus protegidos a presença de Pedro, o apóstolo, para que este, iniciando-os nas práticas da santa religião, conseguisse confortá-los um pouco das suas máguas.

E efectivamente, numa noite em que os seus senhores tinham sido convidados para um banquete no palácio de Nero, Damáris saía occultamente de casa, levando pela mão os seus dois amigos, Laonte e Claudia, e depois de atravessar uma parte da cidade, enfiava por um subterrâneo, que se estendia mesmo por baixo do grande Circo romano.

Acolheu Pedro os dois pequenos gregos com a mesma afabilidade e contentamento com que acolheria dois adultos, conscientes já das suas acções, e logo que ponde, em pequenos dialogos com eles travados, pro-

curou influir-lhes no coração o amor por Cristo, e o horror pelas divindades pagãs.

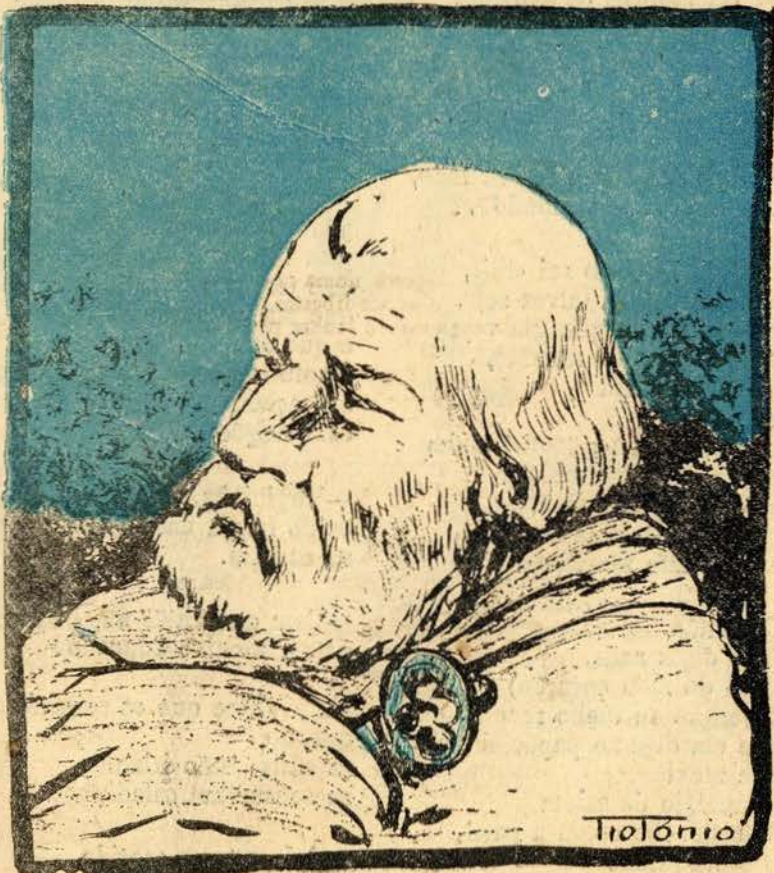
Entre a religião que predizia o libertamento dos escravos, que prometia o céu para os bons e o inferno para os maus, e a religião que permitia tantas torturas e violências como as que os Romanos exerciam, os dois juvenis escravos não hesitaram, e foi com verdadeira alegria que resolveram partilhar todos os perigos a que os cristãos se expunham.

Foi por esta época que se passaram os factos, a um tempo singelos e grandiosos, que constituem este conto, os quais demonstram bem, até que ponto os primeiros adeptos do Cristianismo sabiam comprehender os deveres a que os obrigava a sua religião.

Certa noite, foram todos os cristãos convidados a comparecer no costumeado ponto de reunião, para se despedirem de Pedro, que partia no dia seguinte para a Grécia, onde ia visitar as igrejas de Corinto e Athenas.

Por infelicidade, Damáris, que nesse dia dera uma queda, não pôde sair de casa e teve de se conformar a deixar ir só, Claudia e Laonte.

Quando chegaram, Pedro perguntou-lhes logo porque não fóra Damáris, e quando soube, o seu pezar foi grande, tanto mais que tinha para lhe entregar uns manuscritos que muito importavam ao desenvolvimento da igreja romana.





Como não teve remedio senão conformar-se, entregou a Claudia, que, como rapariga, era mais ajuizada que Laonte, os pergaminhos, para que esta, por sua vez os entregasse a Damáris.

Despediu-se depois de todos os cristãos ali reunidos, nos olhos de muitos dos quais se viam lágrimas, e fez-lhes uma pequena prelecção, pedindo-lhes que se não esquecessem do modo paciente como Cristo soube suportar todos os seus infortúnios; que tivessem eles também paciência, tanto mais que a sua viagem seria breve.

Depois disto, os cristãos, para não despertar suspeitas, saíram, um a um do subterrâneo, e tão misteriosamente como tinham vindo, se recolheram a suas casas, levando na alma o alívio que a todos davam as palavras do discípulo de Jesus.

*
*
*

Estava Damáris, desde que adoecera, numa casa isolada do resto do palácio, destinada apenas aos libertos, e á qual os outros escravos só com licença do seu senhor podiam ir, o que só sucedia excepcionalmente.

Devido a isso, só por um acaso, é que Cláudia conseguiria desempenhar-se da missão de que estava incumbida, o que trazia os dois pequenos muito pezarosos, pois, esse acaso não parecia disposto a dar-se.

Ao pesar de não poderem entregar os pergaminhos, juntava-se o desgosto de não verem o seu amigo e o receio de que eles fossem descobertos.

Para o evitar, Cláudia trazia-os sempre consigo, e só á noite, quando se deitava, é que se separava d'elles.

Mas infelizmente, apesar de todas estas precauções, o que ela tanto receava, veio a succeder.

Desde que Pedro partira para a Grécia, que, não obstante todos os esforços envidados pelos pequenos, havia-lhes sido completamente impossível o acercarem-se de Damáris, e por fim viram se obrigados a esperar pacientemente que este se restabelecesse.

No entanto, apesar do seu estado ser animador o Liberto não podia ainda sair do quarto, e foi com tristeza que Cláudia e Laonte, tendo ainda os pergaminhos em seu poder, receberam um dia a notícia de que Pedro tinha voltado.

— Que dirá elle? perguntava a si mesma a pobre pequena. «Julgará que me descuidei, que não me interessei sufficientemente pelo seu pedido.

«E elle que recomendou tanto que os entregasse! «Decerto se zangará comigo quando souber que os não entreguei! Meu Deus! Que hei-de fazer?

E instinctivamente a pequenita, que se encontrava sózinha, tirou do seio o rôlo de papiro, e quedou-se a contemplá-lo, melancólica.

A boa menina daria tudo para poder satisfazer o pedido de Pedro, evitando assim que elle se zangasse com ella.

Pobre pequena! Habituada aos maus tratos dos seus senhores, não comprehendia ainda que a religião cristã, toda formada de paz e de amor, preferia sempre a amizade ao ódio e ao castigo, o perdão, e nem sequer lhe passava pela cabeça que não só o discípulo de Jesus se não zangaria com ella como também seria decerto o primeiro a reconfortá-la do desgosto que tinha de não poder cumprir a sua promessa.

E tendo sempre nas mãos os rôlos de papiro, Cláudia pensava quão grande seria a sua alegria se lhe fosse possível, quando nessa noite falasse com Pedro, dizer-lhe:

— Entreguei a Damáris, conforme o teu pedido, os documentos que me deste.

Mas neste momento, em que um pensamento alegre embalava a irmã de Laonte uma porta mesmo á sua frente, abrii-se com violência, dando passagem a uma criaturinha quasi toda coberta de joias, que devia ter uns 12 anos.

Ricamente vestida, quem lhe olhasse para o corpo não lhe fitando a cara, julgar-se-ia em presença duma deusa, ou se fosse cristão, dum anjo.

Mas se esse alguém lhe fitasse a cara, não obstante ella ser bonita teria a impressão de se encontrar ao pé dalguma das Fúrias, de que nos fala a Mitologia, tão colérica era a expressão do seu rosto.

Era Valéria, a juvenil senhora de Cláudia, que, furiosa por a não vêr, se resolvera a ir procurá-la, pois estudara um novo penteado e queria que a irmã de Laonte lho fizesse, visto que nenhuma das outras escravas os faziam com tanta arte como a pequena grega.

Segurava na mão o cabo de prata dum pequeno chicote, com que resolvera fustigar a desobediente que se atrevia a não estar no sitio onde ella queria que estivesse.

Ao vê-la, a pobre Cláudia estremeceu de pavor, uma grande palidês lhe subiu ao rosto, e precipitadamente, procurou esconder os rôlos de papiro que segurava ainda nas mãos.

Não foi, porém, tão rápida como desejava, e Valéria

viu perfeitamente que ela tinha nas mãos qualquer coisa que procurava esconder.

Contente por poder infligir novo castigo, talvez mais severo ainda, acercou-se dela e levantando ameaçadoramente o chicote, ordenou:

— Dá-me êsses papeis!

— Não!

Este não foi dito com tanta firmeza que Valéria e Cláudia se fitaram igualmente espantadas, uma, da audácia da sua escrava que ousava pela vez primeira falar-lhe assim, e a outra, por essa palavra lhe ter saído dos lábios com uma solenidade e uma firmeza que não esperava.

Mas a primeira a refazer-se foi Valéria, e enquanto a sua escrava empalidecia mais ainda, pensando com terror no castigo que a esperava, ela carregou as sobrancelhas, e com um rictus feroz a contrair-lhe as faces, convencida de antemão de que quem havia de ceder era Cláudia, levantou mais ainda o chicote pronta a deixá-lo cair, e ordenou novamente:

— Por Jupiter! Ou me dás êsses papeis ou juro-te...

E ao dizer isto, os seus olhos relampejavam.

Mas contra o que esperava, um novo — Não! —, mais firme ainda, foi a única resposta que obteve.

Ela então resolveu mudar de processo,

Riu-se.

Riu-se e chamou:

— Sporus! Meu bom Sporus! Vem cá.

Um gigantesco negro, tam alto que para passar a porta tinha de baixar a cabeça, e tam forte que com um só murro seria capaz de derrubar um touro, entrou.

Valéria riu-se novamente, e apontando Sporus, disse para Cláudia:

— Vamos, dá-me êsses papeis!

— Não! foi ainda a resposta da heroica pequenita, embora compreendesse já perfeitamente, a inutilidade da sua resistência a.

Sempre sorridente, com um sorriso mais terrível que a sua cólera de há pouco, por isso que se assemelhava à bonança que precede as grandes tempestades, Valéria, disse:

— Sporus, dá-me aqueles papeis.

O gigantesco negro acercou-se de Cláudia, cuja figura pequenina quasi desaparecia ao pé daquela montanha de carne estendeu para ela a mãos possantes.

Segurou-lhe os delgados pulsos e apertou-os tão violentamente, que ao mesmo tempo que soltava um horrível grito de dor, a pobre escrava abria a mãos e deixava cair os papeis a cuja entrega resistira tão heroicamente.

Com um grito de alegria, Valéria precipitou-se e apanhou-lhos.

Os seus olhos ávidos folhearam-os, mas... ela não sabia lêr, e desesperada guardou-os, resolvendo entregá-los a seu pai para que êle visse o que continham.

Os meninos que me estão lendo, não-de, decerto, perguntar, admirados, como era possível que Valéria, tão rica e poderosa, não soubesse lêr, mas eu dir-vos-hei que aquilo que actualmente é uma vergonha, foi sempre, desde as idades mais remotas até há bem pouco tempo, um luxo.

Assim pois, o saber-se lêr, que actualmente é uma coisa que nos enche de orgulho e de alegria, não só pelos muitos prazeres espirituais que nos causa, como tambem porque o saber lêr é a base, os alicerces do monumento imponente e grandioso que se chama *Instrucção*, foi até há pouco mais de um século, considerado uma vergonha.

No entanto, o horror à leitura foi muito maior na idade clássica, época em que apenas sabiam lêr aqueles a quem os seus negocios forçavam a isso, e aqueles que gostavam de se dedicar aos estudos, do que na idade-média, e nesta, muito maior do que na idade moderna.

(Continúa no próximo número)

Para os meninos colorirem





Desenho Infantil -

por TIO TÓNIO!

PRIMEIRO CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Meus amiguinhos

Encerra-se no dia 31 do corrente o *Concurso de desenho infantil*.

Estão portanto muito a tempo de concorrer aqueles que o não fizeram ainda.

A seguir terão lugar outros concursos de desenho sobre temas mais difíceis de forma que, *quem não tiver começado pelo principio* encontrará inúmeras dificuldades.

Estão nas condições os desenhos de:

Irene Mendes Lopes, Fernando Emilio Barella, Antonio Monteiro Santiago, Zézé Santos, José Rodrigues Redondo Junior, Rogério Pereira Afonso, Fernando Augusto Pereira, Victor Veres, José Augusto Alves Cardoso, Francisco Machuta, Jaime Henrique Santa Barbara, Fernando Mendonça Alves, Américo Gonçalves, Antonio Manuel Paranhos Teixeira, Manuel Saldanha da Gama Nunes, Dionisio dos Santos, Helena M. Casqueiro Gerales, Barbas César Augusto, Julita Gonçalves Pinho e Costa, Fernando Guilherme da Silva Cruz, João Adelino Dias Pena, Francisco Taborda.

Não servem para o concurso os trabalhos de: Antonio de Sousa, Maria José Salvado da Fonseca, Joaquim Dias, Vasco Pinho e Costa, Maria de Lourdes Pinto Cardoso, Natalia C. Duque, Mercedes Sofia Mouta, Sebastião Martins, Maria Helena, Vasco, Amadeu e Redolfo de Macedo e Brito, Alberto Maria Andrade.

1.º CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

Zézé Santos — Já cá estão os teus desenhos que tem o defeito de serem muito pequeninos. Para o outro concurso deverás fazer maior valeu?

Laura das Neves — O que deseja chama-se tinta indelevel e vende-se em qualquer boa papelaria, nas cores mais usadas.

Danton Paixão Nifo — Apreciei muitissimo a tua aguarela, que revela excelentes qualidades, mas que infelizmente não pode ser reproduzida no jornal. Sinceramente te felicito pelo teu trabalho. Continua.

Caso queiras concorrer podes substituir a tinta da china por tinta bem preta.

José Encarnação Baranha — Tenho imensa pena de não poder classificar os teus trabalhos por virem a lápis.

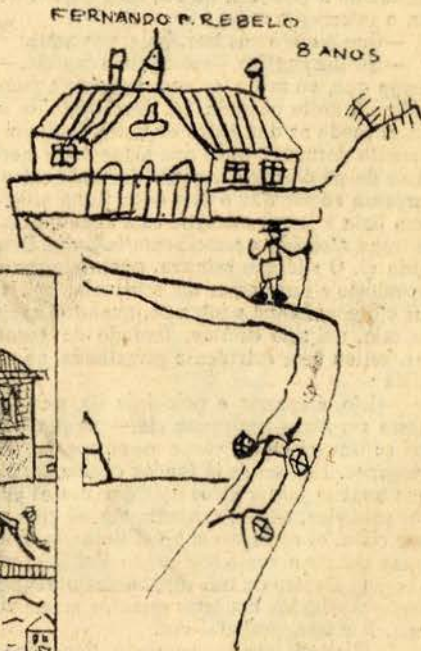
Cezar Augusto — Só é aproveitável para o concurso, a mesa posta para um batalhão. O outro desenho é copiado.

João Adelino Dias Pena — Ficou a mesa que está muito boa. O outro desenho não serve.

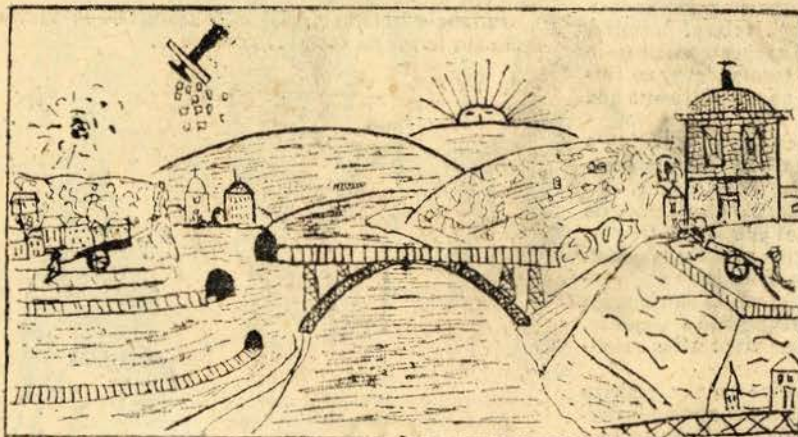
DESENHO INFANTIL



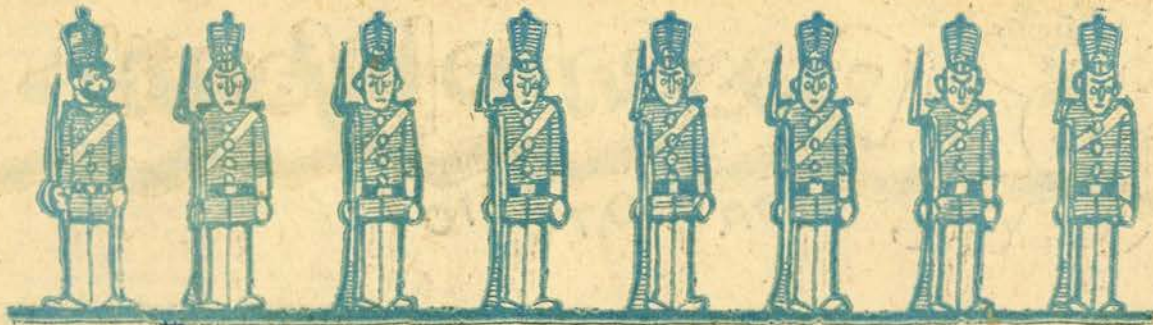
MIGUEL P. D'OLIVEIRA
7 ANOS



FERNANDO P. REBELO
8 ANOS

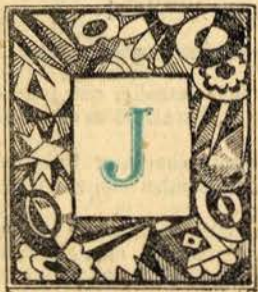


Paulo Afonso de Magalhães Dantas de 13 anos.
Resolução de 3 de Fevereiro de 1927 (Dado da edilidade e um aparelho lançado de trachomacais). Paulo Afonso de Magalhães Dantas de 13 anos.



Os soldadinhos de chumbo

por José Francisco Parreira
DESENHOS DE TIOTÓNIO



JULINHO juntou todos os soldados de chumbo e preparou-se para dormir um sono regalado.

Momentos depois, adormecia. E, então, um lindo sonho se lhe proporcionou.. Sonhou que estava num lindo palácio todo forrado a diamantes, o chão soalhado a reluzente prata, e, pelas paredes, dirpersos, quadros maravilhosos, de uma beleza inacreditavel. Sentado num largo divan, Julinho, o rei, contemplava a lua, que magestosamente lançava sobre o aposento os seus raios claros. De súbito, abriu-se a porta principal do salão e um soldadito de chumbo penetrou.

—Vossa Magestade, dá-me licença?—disse o soldadito, perfilando-se, ante o rei.

—Que pretendes?—inquiriu Julinho.

—Saiba Vossa Magestade, que o capitão do regimento deseja falar com Vossa Mercê...

—Manda, que entre.

E o soldadito de chumbo, perfilando-se novamente, saiu fechando sobre si a porta.

Momentos depois, o capitão dos soldados de chumbo era conduzido à presença do rei, que, depois de o mandar sentar, o interrogou:

—Que motivo vos traz, hoje, por aqui.

—Eu lhe explico,—retorquiu o capitão.—Desde há muito tempo que, no reino, se vem notando a morte de muitos soldados. A noite passada foi descoberto o misterio. Mal tinham soado as dez horas da noite, hora em que todos no regimento dormiam, senti que alguém me moridia no dedo mínimo do pé direito. Levantei-me, e, qual não foi a minha surpresa ao vêr que o dito dedo tinha sido atravessado por uma bala e jorrava sangue com abundancia. Quiz ver quem se tinha atrevido a semelhante façanha. Olhei em redor, mas nada vi. O silencio reinava, quebrado apenas pelo «tic-tac» do relógio e dos passos da sentinela, que velava. Acendi a luz e dispunha-me a pôr a pé, quando de repente vi, no meio da sala, um rato enorme, fardado de general, que, ao vêr-me, soltou uma estridente gargalhada, ao mesmo tempo que dizia:

—Isto, é apenas o principio da nossa revolta. Digo a nossa revolta,—continuou ele,—porque uma batalha terrivel se travará entre vós e os nossos soldados, apenas por vingança. Não sei se já tendes conhecimento do atentado de que hontem foram alvos dois dos nossos guerreiros. Os vossos soldados, não se contentaram só com a morte, e, ainda por cima, os entregaram ao «Piloto», o cão rafeiro que costuma rondar o vosso regimento. Por isso, a hora da vingança chegou! Dentro de tres dias, o vosso regimento e a cidade, serão assaltados e mortos quantos seres vivos nêles existirem. Por isso, preparai-vos.

E, dizendo isto, desapareceu. Pensativo no que acabára de ouvir, levantei-me, e, durante toda a noite, não pude dormir. Mal deram as seis horas, quando o cornetinha tocou a alvorada, começaram a entrar pela porta da sala onde me encontrava, dezenas de soldados. Inquiri o que pretendiam e ouvi um por cada vez. O primeiro, mostrava-me umas botas que tinha calçado apenas uma vez e, que, naquela noite,

sem saber quem fôra, tinham aparecido todas roidas. O segundo, alegou ter um maço de cigarros debaixo do travesseiro e, ao levantar-se, encontrar tudo roído. Outros se foram queixando. Uns com a ponta do nariz roída e as orelhas da mesma fôrma, emquanto que outros, diziam terem-lhes desaparecido as meias, calças, maços de cigarros, enfim, tinha sido um «rombo enorme», assim dizia o cornetinha a quem tambem haviam roubado umas cuecas.

Ora eu, ouvindo todas aquelas queixas, pensei logo que aquele assalto tinha sido feito pelo batalhão dos ratos e, por isso, era preciso a todo o transe, não deixar que novo assalto fosse feito. Por êsse motivo, eis-me na presença de Vossa Magestade, para que ordene que todos os soldados se ponham nos seus postos.

—Pois bem,—disse o rei—hoje mesmo ordenarei isso.

Passaram-se dois dias, e, o terceiro, o dia da vingança, chegou. Todos os soldados se prepararam. Ao soar as doze badaladas do meio dia, o fogo dos dois rompeu. Os soldaditos de chumbo defendiam-se com denodo, mas, o inimigo, era em numero superior. A metralha caía ininterruptamente nos dois campos, mas, os contendores não desanimavam. O hospital de sangue estava repleto tanto num campo, como no outro. Os enfermeiros não tinham «mãos a medir». A's quatro horas o fogo cessou um pouco mais e o troar do canhão deixou de se ouvir. Meia hora depois continuava novamente. Era o inimigo que avançava. Os soldados de chumbo iam perdendo terreno consideravelmente. Por fim, isto ás oito horas da noite, os soldados de chumbo caíam sob o fogo do inimigo, enquanto que outros, achando a vida como um precioso tesouro, fugiam em debandada.

A êle! Matêmo-lo como quem mata um cão!... gritaram os soldados. Estas palavras referiam-se ao rei Julinho. Os ratos, na sua passagem em direcção ao palácio, iam matando e saqueando tudo. A' porta, muitos soldados, guardavam o rei. Mas os ratos devastaram tudo na sua sanguinaria passagem. O general que comandava as tropas entrou no salão onde o rei estava, e, desembainhando a sua espada, correu para êle, gritando.

Julinho estremeceu, gritou, e agarrando-se muito trémulo aos ferros da cama... acordou...

F
I
E

